



A CASA ROQUE GAMEIRO E A DISCUSSÃO DA "CASA PORTUGUESA"

Foi precisamente a Venteira que Alfredo Roque Gameiro escolheu para a construção de uma casa de campo, em 1898. Dois anos mais tarde amplia a casa, que destina agora a primeira habitação.

Roque Gameiro nasceu em 1864, em Minde, perto de Porto de Mós. Em 1874, com 10 anos, vem para Lisboa onde começa a trabalhar na Litografia Guedes, propriedade de seu irmão mais velho, Justino Guedes, como aprendiz de desenhador litógrafo. Tendo, entretanto, frequentado a Escola Nacional de Belas Artes, parte em 1883 para a Alemanha, com uma bolsa industrial, indo estudar na Escola de Artes e Ofícios de Leipzig. De regresso a Portugal, três anos mais tarde, volta a trabalhar para o seu irmão Justino Guedes, agora na Companhia Nacional Editora. Ao longo da sua vida irá realizar trabalhos de ilustração, alguns de grande qualidade, uns sozinho, outros em parceria. Destes últimos podemos destacar o *Álbum de Costumes Portugueses*, juntamente com Manuel de Macedo, José Malhoa, Ernesto Condeixa, Columbano e Rafael Bordalo Pinheiro. Terá sido na Alemanha que começa a pintar a aguarela, técnica que irá dominar com maestria, tornando-se num dos melhores aguarelistas portugueses, distinguindo-se sobretudo como marinhista.

Quando em 1898, este homem começa a construir a sua casa no alto da Venteira, Portugal vivia uma fase crítica da sua história. Em 1890, a monarquia constitucional portuguesa tinha batido no fundo. Na sequência da Conferência de Berlim, em que os estados europeus mais industrializados (Inglaterra e Alemanha) tinham conseguido impor um novo direito colonial - o direito de ocupação efectiva - Portugal via posto em causa os direitos históricos (de descoberta) às suas colónias africanas. Este será, inclusive, um facto esgrimido como argumento pela oposição à monarquia constitucional, tanto absolutista (os miguelistas sobreviventes), como republicana.

Apesar deste novo direito colonial pôr em risco os seus interesses, Portugal opta por fazer algumas concessões à França e à Alemanha, para obter facilidades na



▲ Pormenor da Casa Monsalvat de Rey Colaço - Monte Estoril.
Projecto de Raul Lino de 1901.

realização de um sonho antigo - ligar Angola a Moçambique - projecto que apresenta em 1886, no famoso Mapa Cor-de-rosa. Esta proposta acaba por colidir com os interesses dos ingleses, sobretudo com as ideias de Cecil Rhodes que pretendia a construção de uma via férrea do Cairo ao Cabo, o que daria à Inglaterra a definitiva supremacia na economia africana. A 11 de Janeiro de 1890, o governo inglês apresenta em Lisboa um *ultimatum*, instando a que Portugal abandonasse as zonas, em Moçambique, que não considerava sob soberania portuguesa. Passivamente o governo acede às pretensões da Inglaterra. Foi à volta deste "abençoado *ultimatum*", como se lhe refere o Diário de Notícias de 25 de Janeiro daquele ano, que cresceu uma onda de nacionalismo e xenofobismo anti-saxónico, que incendiou o imaginário português. Manifestações estudantis, jornais, revistas, temas musicais, caricaturas, peças de cerâmica, tudo vai servir para fomentar um nacionalismo que já não se entendia com a monarquia, olhando-a com desdém e rancor. 1910 começou a preparar-se em 1890.

Também a arquitectura não fugiu aos condicionalismos da época. Num fervilhar nacionalista, plastificar uma casa que fosse sintoma e alma/emblema de uma consciência/unidade histórica, seria indispensável para um patriotismo magoado e que se queria redentor.

A ideia da "Casa Portuguesa" não era nova. Já em 1873, Adolfo Coelho (um dos subscritores dos objectivos e programa das Conferências do Casino), a tinha proposto. Mas é a partir de 1890 que a estilização formal vai acontecer. O resultado desta busca vai ser diverso. A boa arquitectura é poucas vezes encontrada, bastas vezes estaremos perante meros *pastiches* arqueológicos e etnográficos, em que a compreensão plástica da arquitectura tradicional se queda por uma estilização decorativa.

A partir de 1900, as alternativas arquitectónicas que se colocavam a Portugal, eram entre um internacionalismo burguês-liberal na linha de um cientismo algo incipiente, e um nacionalismo, entretanto um pouco mais racional, mas sempre algo sebastiânico.

Como cânones destas duas tendências, temos de um lado, por exemplo, Ventura Terra, José Luís Monteiro e Marques de Oliveira, de alguma forma afrancesados. Do outro lado, encontramos Raul Lino, que vai à Alemanha beber a sua concepção nacionalista e inclusivamente os seus conhecimentos de História da Arte portuguesa, como melhor veremos mais à frente, e à Inglaterra da Domestic Revival, vai buscar a concepção de uma arquitectura organicista e integrada histórica e ecologicamente.



Fachada principal da casa. ▲